

Fragmentos de memórias LGBTQIAPN+: um olhar para a cidade de Florianópolis – SC

LUÍS FERNANDO VANIN, ANDRÉ LUIZ AVELINO DA SILVA &
RODRIGO DE SALES

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

RESUMO

A pesquisa se baseia na perspectiva de que a memória e o patrimônio cultural são essenciais para a preservação da identidade e para a luta contra o apagamento histórico da comunidade LGBTQIAPN+. O objetivo deste artigo é investigar as memórias e os patrimônios culturais da comunidade LGBTQIAPN+ em Florianópolis/SC, analisando suas expressões socioculturais e políticas. Para isso, a metodologia utilizada é bibliográfica de abordagem exploratória por meio de revisão narrativa de literatura, além da técnica de entrevistas pré-estruturadas para a coleta de dados e a cartografia social, complementada pela cartografia de sentimentos para a etapa de análise dos dados. Os resultados destacam eventos e espaços cruciais para a vivência LGBTQIAPN+ na cidade, como a Parada LGBTI+, a Feira Diversa e locais históricos como a Boate Oppium e o Bar do Deca. Estes eventos e espaços funcionam como pontos de resistência e celebração da diversidade, sendo fundamentais para a visibilidade e inclusão da comunidade. No entanto, a pesquisa também revela que, embora Florianópolis seja promovida como um destino "gay-friendly", ainda existem desafios relacionados à violência e à falta de representatividade da população LGBTQIAPN+ local. Este estudo contribui para a ampliação da compreensão sobre a importância das memórias culturais LGBTQIAPN+ em Florianópolis. Ele evidencia a necessidade de políticas públicas mais inclusivas e representativas, bem como a preservação e valorização dos patrimônios culturais dessa comunidade, fundamentais para combater o apagamento histórico e promover uma sociedade mais justa e diversa.

PALAVRAS-CHAVE

Memória Social. Memória LGBTQIAPN+. Cultura LGBTQIAPN+. Museologia LGBT. Florianópolis-SC.

ABSTRACT

The research is based on the perspective that memory and cultural heritage are essential for the preservation of identity and for the fight against the historical erasure of the LGBTQIAPN+ community. The objective of this article is to investigate the memories and cultural heritage of the LGBTQIAPN+ community in Florianópolis/SC, analyzing their sociocultural and political expressions. To this end, the methodology used is a bibliographical exploratory approach through a narrative literature review, in addition to the technique of pre-structured interviews for data collection and social cartography, complemented by the cartography of feelings, for the data analysis stage. The results highlight events and spaces that are crucial for the LGBTQIAPN+ experience in the city, such as the LGBTI+ Parade, the Feira Diversa and historical places such as the Boate Oppium and the Bar do Deca. These events and spaces serve as points of resistance and celebration of diversity, and are essential for the visibility and inclusion of the community. However, the research also reveals that, although Florianópolis is promoted as a "gay-friendly" destination, there are still challenges related to violence and the

Fragmentos de memórias LGBTQIAPN+: um olhar para a cidade de Florianópolis – SC

LUÍS FERNANDO VANIN, ANDRÉ LUIZ AVELINO DA SILVA &
RODRIGO DE SALES

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

lack of representation of the local LGBTQIAPN+ population. This study contributes to the expansion of the understanding of the importance of LGBTQIAPN+ cultural memories in Florianópolis. It highlights the need for more inclusive and representative public policies, as well as the preservation and appreciation of the cultural heritage of this community, which are fundamental to combat historical erasure and promote a more just and diverse society.

KEYWORDS

Social Memory. LGBTQIAPN+ Memory. LGBTQIAPN+ Culture. LGBT Museology. Florianópolis-SC.

Fragmentos de memórias LGBTQIAPN+: um olhar para a cidade de Florianópolis – SC

LUÍS FERNANDO VANIN, ANDRÉ LUIZ AVELINO DA SILVA &
RODRIGO DE SALES

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

INTRODUÇÃO

Os campos do conhecimento que transitam entre as memórias, as culturas e os patrimônios dedicam-se à construção de referenciais sólidos para estabelecer o presente e projetar o futuro, buscando encontrar valores e renovar a história e a memória social. Isso ocorre por meio da análise dos fatos sociais, políticos, culturais e econômicos, não apenas sob a ótica da lembrança, mas, sobretudo, a partir de uma perspectiva memorialística e histórica (Vanin, 2024).

Assim, Silva (2019) argumenta que a memória tem como insumo fundamental as pessoas, suas experiências individuais e coletivas, e tudo aquilo que é possível extrair informações. No que lhe concerne, o patrimônio, enquanto dimensão política e social da memória, não inclui apenas as heranças, mas é também constituído pelos bens culturais materiais e imateriais que proporcionam ao indivíduo e aos grupos sociais no presente a manutenção de identidades, culturas e representações de seu passado.

Cultura constitui uma das bases formadoras da sociedade, sendo a informação um elemento dinamizador dos laços e relações sociais. Milanesi (1997, p. 127) afirma que “a informação é a linha e a cultura é o tecido”, sendo possível conceber um tear informacional justamente no entrelace que forma as variadas culturas. Ricoeur (2007) contribui para esta visão ao afirmar que a informação é responsável pela construção de “artefatos simbólicos” de um coletivo, evocando as memórias que estabelecem suas práticas culturais.

Este estudo está direcionado às comunidades de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transsexuais, Transgêneros, *Queers*, Intersexos, Assexuais, Agêneros, Aliados, Pansexuais, Polisssexuais, pessoas Não-Binárias e demais identidades, vivências e expressões sexuais e de gênero. Neste trabalho, essas comunidades estão representadas pela sigla LGBTQIAPN+. Embasados na luta por direitos e na construção de políticas públicas voltadas à equidade existencial, esses grupos sociais afirmam suas (re)existências e ressignificam seus corpos, rompendo com culturas patriarcais, autoritárias e excludentes, passando a produzir seus

Fragmentos de memórias LGBTQIAPN+: um olhar para a cidade de Florianópolis – SC

LUÍS FERNANDO VANIN, ANDRÉ LUIZ AVELINO DA SILVA &
RODRIGO DE SALES

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

próprios símbolos e significados culturais.

Todavia, como destacam Baptista e Boita (2017, p. 133), “é notório que a ausência de marcos legais interessados na população LGBT culminou não só na perseguição e violência (física e/ou verbal) mas também na exclusão social e cultural”. Essa omissão do Estado legitima práticas excludentes e reforça a marginalização, dificultando o acesso da população LGBTQIAPN+ à cidadania plena e aos direitos fundamentais.

As culturas, memórias e patrimônios da comunidade LGBTQIAPN+ são marcadas por uma rica diversidade de vivências e expressões que desafiam as normas cis-heteronormativas e binárias. Estas culturas emergiram em grande parte, a partir dos movimentos de resistência e contracultura que ganharam força no século XX, consolidando-se como protagonistas na luta por direitos e na afirmação política e social dessas comunidades. Tais movimentos não apenas demandaram reconhecimento e igualdade, mas também viabilizaram a articulação de uma identidade cultural coletiva que celebra as diferenças e enfrenta as opressões.

Neste contexto, as discussões sobre as memórias e os patrimônios culturais LGBTQIAPN+ têm como objetivo resgatar e valorizar as manifestações socioculturais produzidas ou relacionadas a essas comunidades, enfatizando a necessidade de confrontar a heteronormatividade e recuperar memórias historicamente marginalizadas e apagadas das representações patrimoniais brasileiras.

Pesquisadores como Quiroz e Souza (2021), Taylor (2019) e Julião (2006) destacam que o patrimônio cultural deve refletir a diversidade e a riqueza das experiências humanas, incluindo as vozes e histórias das comunidades LGBTQIAPN+. A inclusão dessas culturas e memórias nos espaços de memória, cultura e patrimônio é crucial não só para a construção de identidades coletivas e individuais, mas também para a conscientização e transformação social, com vistas ao enfrentamento das fobias direcionadas a esses grupos sociais.

Este artigo, derivado da dissertação de mestrado¹, tem como objetivo investigar as

¹ VANIN, L. F. **Organização das memórias e patrimônios culturais LGBTQIAPN+ de Florianópolis-SC sob a perspectiva da desclassificação**. 2024. 282 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Departamento de Ciência da Informação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis,

Fragmentos de memórias LGBTQIAPN+: um olhar para a cidade de Florianópolis – SC

LUÍS FERNANDO VANIN, ANDRÉ LUIZ AVELINO DA SILVA &
RODRIGO DE SALES

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

memórias e os patrimônios culturais da comunidade LGBTQIAPN+ em Florianópolis/SC, analisando suas expressões socioculturais e políticas. Busca-se compreender como esses elementos fortalecem a identidade e a resistência da comunidade, além de destacar a importância de sua preservação para a valorização da diversidade e inclusão nas políticas culturais e nos espaços de memórias.

A escolha da cidade de Florianópolis se dá como recorte geográfico, por reunir aspectos sociais e científicos relevantes ao estudo. Socialmente, a cidade projeta uma imagem de destino “*gay-friendly*”, mas esconde desigualdades, violências e apagamentos vividos pela população LGBTQIAPN+. Cientificamente, esse contraste torna o local propício para analisar como essa comunidade constrói memórias, identidades e patrimônios culturais em meio à tensão entre visibilidade turística e ausência de representatividade efetiva.

No que se referem aos aspectos metodológicos, este estudo exploratório adota uma abordagem de revisão narrativa de literatura (Mattos, 2015), com vistas a uma interpretação contextual (Souza *et al.*, 2016), por exemplo, a respeito da sigla LGBTQIAPN+ e de conceitos como homocultura, trans-homocultura e museologia *queer* e LGBTQIAPN+. Adota-se, ainda, a técnica de entrevistas pré-estruturadas para a coleta de dados e a cartografia social, complementada pela cartografia de sentimentos (Rolnik, 1987; 2016), para a etapa de análise dos dados, no intuito de delinear os aspectos relacionados às culturas, às memórias e aos patrimônios LGBTQIAPN+. As entrevistas foram realizadas com personalidades sociais da comunidade LGBTQIAPN+ de Florianópolis/SC e a pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Santa Catarina (parecer nº 6.389.503/2023). Todas as pessoas entrevistadas assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido autorizando a utilização dos dados coletados para a pesquisa.

CULTURAS, MEMÓRIAS E PATRIMÔNIOS LGBTQIAPN+

Fragmentos de memórias LGBTQIAPN+: um olhar para a cidade de Florianópolis – SC

LUÍS FERNANDO VANIN, ANDRÉ LUIZ AVELINO DA SILVA &
RODRIGO DE SALES

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

As discussões sobre memórias, culturas e patrimônios LGBTQIAPN+ buscam valorizar as manifestações socioculturais produzidas por – ou associadas à – comunidade LGBTQIAPN+. Essas discussões desafiam a heteronormatividade e resgatam memórias que fortalecem as referências culturais de um grupo historicamente marginalizado e apagado dos espaços de memórias e das representações patrimoniais brasileiras.

As comunidades LGBTQIAPN+ são caracterizadas por uma diversidade de vivências relacionadas a orientações sexuais, expressões e identidades de gênero que rompem com a cis-heteronormatividade compulsória e naturalizada – essa, por sua vez, impõe padrões sociais e culturais baseados na binaridade de gênero e da heterossexualidade como norma. É nesse contexto que nossos corpos são definidos ao nascer e moldados socialmente ao decorrer de nossas existências.

Maria Luiza Heilborn (1993) compreende o gênero como conjunto de atributos culturais e psicológicos atribuídos a cada sexo, a partir de uma visão binária e estereotipada dos papéis sexuais (femininos e masculinos), os quais são inscritos em corpos biológicos e construídos historicamente. Essa concepção inclui também as relações de poder que emergem das instituições sociais. De forma complementar, Berenice Bento (2006), ao refletir sobre a construção dos conceitos de “corpo-homem” e “corpo-mulher”, afirma que “reproduzir a heterossexualidade consiste em cultivar os corpos em sexos diferentes, com aparências ‘naturais’ e disposições sexuais diferentes” (Bento, 2006, p. 1).

A sexualidade pode ser compreendida como um conjunto de vivências, práticas e costumes ligados à intimidade da vida privada, ao prazer e às expressões afetivas ou não. Ela está permeada por valores morais e é influenciada por práticas, discursos e pensamentos coletivos (Furlani, 2007). A sexualidade é construída ao longo da vida do sujeito, e sua identidade sexual incorpora características que o vinculam a um determinado grupo cultural (Pinho; Pulcino, 2016).

Partindo da compreensão das comunidades LGBTQIAPN+ como grupos sociais estabelecidos culturalmente, suas memórias e formas de expressão cultural fazem parte da

Fragmentos de memórias LGBTQIAPN+: um olhar para a cidade de Florianópolis – SC

LUÍS FERNANDO VANIN, ANDRÉ LUIZ AVELINO DA SILVA &
RODRIGO DE SALES

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

resistência identitária e política destas comunidades. Thürler (2011, p.7) afirma que

Identificando Cultura como uma rede de significações relacionadas a um determinado grupo social e sua amplitude de sentidos, é possível compreender a Cultura guei como a diversidade de manifestações culturais, relacionada aos valores, hábitos e linguagem representativos e identificadas com a comunidade de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais. Pelo viés das expressões artísticas, que reflete uma produção representativa à identidade deste grupo, podemos identificar manifestações genuínas e temáticas (Thürler, 2011, p. 7).

Assim, também, Diego Barbosa da Silva (2018) e Marcos Aurélio da Silva (2017) destacam as expressões culturais da comunidade LGBTQIAPN+ ao abordarem territorialidades, festejos, artes, linguagem e performances, apontando esses elementos como espaços de trocas simbólicas e de construção de pertencimento, tanto individual quanto coletivo, de forma diversa e não homogênea. Os autores fazem isso ao priorizar interseccionalidades e subjetividades, buscando respeitar variações regionais e ampliar o reconhecimento da pluralidade das culturas LGBTQIAPN+, passíveis de resgates históricos (memórias e patrimônios), afirmando as pessoas LGBTQIAPN+ como grupo social ativo e constituinte da nação brasileira.

É possível, assim, reconhecer especificidades que tangenciam a cultura LGBTQIAPN+, entendida como a emergência de um sistema próprio de símbolos, com códigos e valores que dão forma à construção coletiva e social das identidades e vivências sexuais e de gênero. Essas construções consideram interseccionalidades, diferenças e conflitos, e variam de acordo com o contexto social em que estão inseridas. Ou seja, ao vislumbrarmos o emaranhado de conceitos que envolvem a cultura e a memória de grupos marginalizados como a comunidade LGBTQIAPN+, percebemos que a construção de sentidos em torno desse grupo ocorre em diversos aspectos que atravessam suas experiências.

A cultura LGBTQIAPN+ está presente no cotidiano de diferentes grupos sociais, políticos e econômicos, manifestando-se em variadas formas de expressão e de identificação individual e coletiva. Isso reforça o sentimento de pertencimento e sustenta práticas de

Fragmentos de memórias LGBTQIAPN+: um olhar para a cidade de Florianópolis – SC

LUÍS FERNANDO VANIN, ANDRÉ LUIZ AVELINO DA SILVA &
RODRIGO DE SALES

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

resistência e enfrentamento às opressões, como constata Garcia (2012). No Brasil, a diversidade sexual e de gênero se articula com a diversidade cultural, especialmente quando somada às desigualdades sociais e econômicas que afetam essas comunidades.

Se, por um lado, a dimensão cultural tenta equacionar as variáveis recorrentes a partir da pluralidade do sujeito contemporâneo, por outro, a dimensão sexual e de gênero abarcam complexas (re)configurações de subjetividades de orientação e prática (entre afeto, encontro, despedida, desejo, erótica, sensualidade, sexo, etc.) (Garcia, 2012, p. 03).

A salvaguarda da memória e dos patrimônios culturais LGBTQIAPN+ ultrapassa a dimensão histórica, representando também uma forma de resistência e luta por reconhecimento. A inserção dessas culturas nos espaços de memória, patrimônio e informação fortalece as construções identitárias coletivas e individuais, promovendo igualdade, respeito e transformação social. A preservação dessas memórias busca recuperar vozes silenciadas pela história oficial, rompendo com narrativas homogeneizantes e opressoras. Espaços como boates, saunas, clubes e praças, historicamente associados à “guetificação”, transformam-se em territórios de pertencimento, resistência e afirmação, essenciais na construção de identidades culturais marcadas pela diferença e no fortalecimento de redes de apoio e acolhimento.

Nessa perspectiva, Candido (2017) afirma que, em São Paulo, os guetos gays surgiram como espaços de acolhimento da diversidade, mas também refletiam a marginalização vivida por essa população. Inicialmente, havia locais públicos destinados à socialização de pessoas homossexuais; com o tempo, porém, a comunidade LGBTQIAPN+ passou a ocupar outros espaços que, embora não planejados para esse fim, tornaram-se redutos gays em razão da rejeição e exclusão social.

As artes e a literatura também estão presentes na construção cultural da comunidade LGBTQIAPN+. Historicamente, as expressões presentes nas artes, na música, na literatura, nos estudos de trans-homocultura, nas interpretações e localizações deste público reforçam a ideia de resistência. As lutas pelas construções dos sujeitos de forma individual e coletiva estão no cerne das representações e diálogos entre esta categoria de cultura, como afirma Davi (2011)

Fragmentos de memórias LGBTQIAPN+: um olhar para a cidade de Florianópolis – SC

LUÍS FERNANDO VANIN, ANDRÉ LUIZ AVELINO DA SILVA & RODRIGO DE SALES

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

por meio da arte, da linguagem, da música e do humor, pessoas homossexuais expressam formas criativas de resistência às opressões que enfrentam, utilizando metáforas e signos do poder de maneira subversiva, contestam as normas impostas. Longe da passividade, assumem um papel ativo na construção de suas identidades e na reivindicação de sua história cultural e sexual.

A questão de silenciamentos da cultura LGBTQIAPN+ também está presente nas discussões de culturas, memórias e patrimônios, visto que este campo é uma ampla arena de disputa, onde busca-se romper a manutenção das culturas e memórias hegemônicas, uma vez que os silenciamentos também corroboram para a construção de uma cultura de apagamentos de grupos sociais colocados à margem.

Desta forma, Diego Barbosa da Silva (2018, p. 26) identifica quatro possíveis silenciamentos da diferença,

a) um silenciamento de posições-sujeito, quando se dificulta e impossibilita o comparecimento de outras posições e impõe que uma maioria interpelada por posições dominantes decida quem participará das etapas posteriores e quais propostas irão ser levadas até elas; b) um silenciamento no interdiscurso, quando o Estado recorta uma memória, ao fornecer previamente eixos que irão conduzir as discussões; c) um silenciamento do dissenso, quando se visa impedir o confronto de posições em prol do consenso; e d) um silenciamento no intradiscurso, quando o Estado interfere na formulação das propostas, para que sejam objetivas e na língua portuguesa imaginária (Silva, 2018, p. 26).

Quando falamos da memória silenciada de um grupo, tratamos da ausência de patrimônio, espaços e saberes essenciais para a afirmação de sua identidade, o que aumenta sua vulnerabilidade social, como destaca Guarnieri (2010, p. 121) “um povo sem memória nada sabe, e é presa fácil de armadilhas”. A articulação entre a memória LGBTQIAPN+ e os museus, assim como a preservação de patrimônios, é uma ação cidadã voltada para superar fobias à diversidade sexual e de gênero presentes na cultura nacional (Baptista; Boita, 2017). Esse processo busca resgatar as vozes silenciadas pela história, utilizando o patrimônio como base para reconstrução de identidades e combate à marginalização imposta por culturas dominantes.

Fragmentos de memórias LGBTQIAPN+: um olhar para a cidade de Florianópolis – SC

LUÍS FERNANDO VANIN, ANDRÉ LUIZ AVELINO DA SILVA &
RODRIGO DE SALES

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

A SIGLA EM DISPUTA: LGBTQIAPN+

A sigla LGBTQIAPN+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, *Queer*, Intersexuais, Assexuais, Pansexuais, Não-Binários, e outras identidades de gêneros e sexualidades) representa uma complexa rede de identidades e vivências de gêneros, orientações sexuais e não-identidades de gêneros e sexualidades, que, ao longo do tempo, têm sido objeto de uma construção social e política. Para compreender a evolução e dinâmicas desta sigla, é fundamental contextualizá-la nas transformações históricas, políticas e sociais que moldaram a experiência LGBTQIAPN+ no Brasil.

A fragmentação interna da sigla, muitas vezes chamada de “sopa de letrinhas” (Facchini, 2002), revela disputas por legitimidade, estratégias políticas de visibilidade e reivindicação. A instabilidade dessa unidade é percebida como uma potência, impulsionando o movimento não apenas para fora, mas também para uma reavaliação interna. Isso permite que as comunidades LGBTQIAPN+ não apenas examinem o processo de legitimação das identidades coletivas, mas também se voltem para as dinâmicas internas entre os segmentos que a compõem.

A abertura da sigla, representada pelo sinal de “+” no final, sublinha a natureza em constante evolução e expansão das identidades e orientações incluídas. A cena política contemporânea brasileira é marcada pelas manifestações do Orgulho LGBTQIAPN+, refletindo um fenômeno que cresceu significativamente ao longo dos anos. Em última análise, acaba-se constatando a natureza fluida e contestável da denominação, indicando que a complexidade das identidades LGBTQIAPN+ não pode ser totalmente capturada por uma sigla estática.

A dança de cadeiras das letrinhas não é mera formalidade. A mudança da sigla esteve atrelada a uma característica singular do movimento: abarcar vários grupos com demandas diferentes. O nome do movimento é uma tentativa de traduzir para o resto da sociedade a identidade do grupo e de seus componentes. Atualmente, o termo continua em disputa. Parte do movimento continua utilizando a sigla LGBT, mas novas siglas estão surgindo (Fundação Fernando Henrique Cardoso, 2021, p. 1).

Fragmentos de memórias LGBTQIAPN+: um olhar para a cidade de Florianópolis – SC

LUÍS FERNANDO VANIN, ANDRÉ LUIZ AVELINO DA SILVA & RODRIGO DE SALES

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

Observemos aqui a evolução da sigla, conforme a Fundação Fernando Henrique Cardoso (2021):

Quadro 1 – Histórico das Siglas dos Movimentos Sociais LGBTQIAPN+

SIGLA	DESCRIÇÃO
MHB	Movimento Homossexual Brasileiro: maioritariamente formado por homens gays.
MGL	Movimento de Gays e Lésbicas.
GLS	Gays, Lésbicas e Simpatizantes.
GLT	Gays, Lésbicas e Travestis.
GLBT	Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transsexuais.
LGBT	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transsexuais – na I Conferência Nacional GLBT (2008), decidiu-se trocar o G e o L de lugar para dar maior visibilidade às lésbicas.
LGBTI+	Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis, Pessoas Trans e Intersexuais, +.
LGBTQIA+	Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis, Pessoas Trans, Queer, Intersexuais e Assexuais, +.
LGBTQIAP+	Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis, Pessoas Trans, Queer, Intersexuais, Assexuais, Pansexuais, +.
LGBTQIAPN+	Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis, Pessoas Trans, Queer, Intersexuais, Assexuais, Pansexuais, Pessoas Não-Binárias, +.

Fonte: adaptado de Fundação Fernando Henrique Cardoso (2021).

Por sua vez, Rita Von Hunty, uma drag queen estudiosa do campo das ciências humanas e sociais, em seu canal no Youtube, chamado *Temporo Drag*, no vídeo intitulado *LGBTQIA+ Parte II*, nos traz uma outra reflexão e um outro olhar sobre a “sopa de letrinhas” que constituem a sigla da comunidade LGBTQIAPN+, apresentando mais uma sigla: **LGBTTTQQIAAACPPF2K+** - Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Transsexuais, Travestis, *Queer*, Questionando-se, Intersexuais, Assexuais, Agêneros, Aliados, Curiosos, Pansexuais, Polissexuais, Familiares, Dois espíritos, Kink (Fetiches) e +. E reflete sobre como os sistemas sexo/gênero da atualidade é complexo e em constante evolução:

[...] não é sobre mais ou menos letrinhas numa sopa de letrinhas, é sobre um avanço das sociedades humanas que são capazes de entender e estender o conceito de humanidade a mais corpos, é sobre o entendimento que as sociedades humanas são complexas, os seres humanos são complexos [...] (Von Hunty, 2021, 15min. e 17 segs.).

Diante dessa perspectiva, percebe-se que a construção da sigla LGBTQIAPN+ está em constante evolução, permeada de discussões e disputas políticas, atravessadas por fatores sociais, culturais, econômicos e políticos, gerando uma complexidade que, em certa medida,

Fragmentos de memórias LGBTQIAPN+: um olhar para a cidade de Florianópolis – SC

LUÍS FERNANDO VANIN, ANDRÉ LUIZ AVELINO DA SILVA &
RODRIGO DE SALES

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

faz jus a diversidade humana.

TRANS-HOMOCULTURA, MUSEOLOGIA LGBT E MUSEOLOGIA QUEER

No campo da ciência, diversas áreas do conhecimento têm-se dedicado a estudar os fenômenos da memória e da cultura LGBTQIAPN+, bem como, recuperar historicamente as construções coletivas e individuais da população em seu sentido político, social, econômico e cultural, identificando este campo de estudos e pesquisas como “homocultura”, conforme conceituado por Thürler (2011), este está ligado com estudos e pesquisas que versam sobre questões LGBTQIAPN+, teoria *queer*, homoerostismo, além da desconstrução do “guei” na contemporaneidade, atravessado por fissuras ao longo do século XX, desde a despatologização da homossexualidade em meados dos anos 1970.

Castro e Mattos (2012, p. 209) afirmam que a “Homocultura consiste-se em práticas discursivas e não discursivas que dão um lugar a esses sujeitos, construindo afinidades, identificações que, por sua vez, marcam a afirmação das homossexualidades como possibilidades legítimas de viver as sexualidades”. Nesse contexto, a homocultura pode ser vista como uma ferramenta de socialização e transformação cultural, visando ao desenvolvimento de propostas coletivas e individuais de identidades, e fortalecendo as discussões sobre diversidade sexual e de gênero em áreas como a educação, a cultura e a informação.

Por outro lado, a trans-homocultura é um conceito que aborda a interseção e a interação entre as culturas trans e homossexuais, considerando suas experiências, expressões e contribuições para a sociedade. Esse termo reflete a diversidade e a complexidade das identidades de gêneros e sexualidades, bem como a riqueza cultural que emerge das comunidades LGBTQIAPN+.

A mudança de nome da Associação Brasileira de Estudos da Trans-Homocultura (ABETH) em 2023 ilustra a importância dessa abordagem. Anteriormente, a associação

Fragmentos de memórias LGBTQIAPN+: um olhar para a cidade de Florianópolis – SC

LUÍS FERNANDO VANIN, ANDRÉ LUIZ AVELINO DA SILVA & RODRIGO DE SALES

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

utilizava o termo homocultura, porém, para garantir maior representatividade, optou pela mudança do termo. Com isso, a ABETH passa a reconhecer e valorizar a intersecção entre essas culturas e identidades, promovendo uma visão mais inclusiva das experiências LGBTQIAPN+.

Ao adotar o termo trans-homocultura, a ABETH não só reconhece a complexidade das identidades LGBTQIAPN+, mas também busca questionar e combater estereótipos, preconceitos e normas sociais que muitas vezes limitam a plena participação dessas comunidades na sociedade. A trans-homocultura nos convida a celebrar e preservar a diversidade em todas as suas formas, promovendo um ambiente mais inclusivo e respeitoso para todos.

Isto posto, independentemente da área do conhecimento em que a trans-homocultura seja explorada, ela se insere principalmente no campo político de afirmação das pessoas, buscando garantir direitos e promover a “desguetificação” de culturas marginalizadas pelas culturas dominantes cis-heteronormativas. Como afirma Thürler (2011, p. 02), “a heteronormatividade expressa expectativas, obrigações e demandas sociais resultantes do pressuposto de uma heterossexualidade natural e compulsória”.

As museologias brasileiras e latino-americanas têm se dedicado ao avanço dos estudos sobre memórias e patrimônios culturais LGBTQIAPN+. Existe uma crescente preocupação com esse segmento, especialmente por parte da museologia social e da antropologia, que tem dado suporte aos estudos culturais e sociais das comunidades LGBTQIAPN+.

No que tange a museologia LGBT, Tony Boita, Jean Baptista e Camila Moraes Wichers são pessoas que têm contribuído significativamente ampliar as discussões sobre o tema. Assim, em um texto publicado na Revista Memória LGBT, as pessoas autoras ajudam a definir o que é museologia LGBT:

1. Ser produzida por pessoas que pertencem a determinadas comunidades com sexualidades dissidentes da matriz heterossexual, dotadas de conhecimentos específicos próprios dessas comunidades, falantes do pajubá e comprometidas com uma história, memória, patrimônio e luta social comum [...]
2. Opõe-se a tentativas de expropriações de seus patrimônios por pessoas que não pertencem a essas comunidades, em especial quando empreendidas por pesquisadores acadêmicos, políticos demagógicos, ONGs elitistas, igrejas e

Fragmentos de memórias LGBTQIAPN+: um olhar para a cidade de Florianópolis – SC

LUÍS FERNANDO VANIN, ANDRÉ LUIZ AVELINO DA SILVA & RODRIGO DE SALES

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

milícias, entre outras organizações exóticas às comunidades [...]

3. Estar vinculada às políticas públicas na América Latina, e por isso utiliza a sigla LGBT [...] Museologia LGBT que aqui caracterizamos está interessada sobretudo no acesso à educação, saúde, alimentação, moradia e garantia dos direitos civis de pessoas e coletivos vivos dissidentes da matriz heterossexual vigente.

4. É uma Museologia popular e, conforme realidade latino-americana, é localizada em periferias urbanas ou simbólicas, bem como consta com corpos não brancos em sua gestão, ou seja, corpos negros, indígenas, afroindígenas, pardos etc.[...]

5. Esta forma de se fazer museologia também congrega pessoas aliadas da causa LGBT, as quais marcadas por outros eixos de subordinação, como gênero, raça e classe, para citar alguns marcadores sociais das diferenças, comungam do mesmo desejo de emancipação e democratização do campo dos museus, patrimônios e memórias.

6. Por sua proximidade com Políticas Públicas e comunidades vulneráveis, a Museologia LGBT integra certamente a Museologia Social ou Sociomuseologia, não sem antes alertar que dentro desse grande escopo também reside a fobia à diversidade sexual comum aos museus [...]

7. Por valorizar performances, vocabulários, múltiplas sexualidades e identidades plurais em constante renovação [...] (Baptista; Boita; Wichers, 2020, p. 4).

Evidencia-se assim, a perspectiva decolonial ao qual se dedicam e conectam a museologia LGBT com as dimensões raciais, econômicas, políticas e sociais da comunidade, de forma interseccional, visando “sobretudo a superação das desigualdades que pesam às comunidades dissidentes da matriz heterossexual hoje hegemônica” (Baptista; Boita; Wichers, 2020, p. 7). Por conseguinte, Bruno Brulon (2020), no que lhe concerne, defende uma museologia *Queer*, embasado na teoria *Queer* dos anos 1990, defende que, a partir deste, a museologia e o campo dedicado aos estudos de memória, cultura e patrimônio não partiria de representações baseadas no normativo, no conhecido e na ordem social dominante.

Um museu *Queer* não se limita a trazer a margem para o centro, mas transcende as fronteiras entre ambos, questionando as relações de poder e desafiando sua função como dispositivo social que favorece certos sujeitos históricos. Sua missão é romper com as normas que restringem as identidades, adotando uma lógica cultural transformadora (Brulon, 2020).

Nesse sentido, a trans-homocultura, a museologia LGBT e a museologia *Queer* surgem

Fragmentos de memórias LGBTQIAPN+: um olhar para a cidade de Florianópolis – SC

LUÍS FERNANDO VANIN, ANDRÉ LUIZ AVELINO DA SILVA &
RODRIGO DE SALES

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

como práticas que contestam as normativas sociais e culturais dominantes. Elas reivindicam espaço e voz para as identidades LGBTQIAPN+, reconfigurando os conceitos de memória, cultura e patrimônio. Com uma abordagem interseccional, decolonial e pós-colonial, essas práticas promovem uma crítica às desigualdades históricas e abrem caminho para uma sociedade mais inclusiva e equitativa, celebrando a diversidade de formas de ser e existir.

FRAGMENTOS DE MEMÓRIAS E PATRIMÔNIOS CULTURAIS LGBTQIAPN+ DE FLORIANÓPOLIS-SC: CAMINHOS METODOLÓGICOS E RESULTADOS

Nesta seção, apresentamos os resultados das entrevistas com personalidades sociais da comunidade LGBTQIAPN+ de Florianópolis. Assim, buscamos identificar as memórias e patrimônios culturais da comunidade LGBTQIAPN+ de Florianópolis através das narrativas compartilhadas pelas pessoas interlocutoras. A pesquisa visa ser uma ação desclassificadora, onde a pesquisadora se coloca como mediadora das culturas, memórias e patrimônios da comunidade LGBTQIAPN+, valorizando as pessoas interlocutoras como construtoras de conhecimento.

As entrevistas foram conduzidas remotamente via Google Meet, entre outubro e dezembro de 2023, com seis personalidades da comunidade LGBTQIAPN+ de Florianópolis. Os critérios de seleção incluíam residir em Florianópolis ou região metropolitana, participar de movimentos sociais LGBTQIAPN+, e/ou ser uma personalidade social da cultura LGBTQIAPN+.

Para preservar o anonimato das pessoas interlocutoras, elas foram nomeadas com nomes de praias de Florianópolis: “Praia Mole”, “Galheta”, “Joaquina”, “Campeche”, “Armação”, “Matadeiro”, “Daniela” e “Ingleses”. Infelizmente, as entrevistas com “Daniela” e “Ingleses” não puderam ser realizadas.

As pessoas interlocutoras, incluem dois homens cisgêneros gays (um também se identifica como bi e pansexual), duas mulheres trans, uma pessoa não-binária, e uma lésbica.

Fragmentos de memórias LGBTQIAPN+: um olhar para a cidade de Florianópolis – SC

LUÍS FERNANDO VANIN, ANDRÉ LUIZ AVELINO DA SILVA &
RODRIGO DE SALES

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

Cinco se autodeclaram brancos e uma pessoa se autodeclara preta. Todas possuem nível educacional superior, sendo a maioria trabalhadoras assalariadas. Apenas duas pessoas residem em Florianópolis há mais de 20 anos, destacando o caráter transitório da cidade.

Florianópolis, embora não alcance o status de uma metrópole, compartilha características com grandes centros urbanos por ser a capital de Santa Catarina e uma cidade de porte médio. Sua localização central em uma região de conurbação, conectando-se a outros municípios da Região Metropolitana, e a relevância do turismo como atividade econômica atraem população de outros estados e países, especialmente durante o verão. Desde sua fundação como uma pequena vila colonial chamada Nossa Senhora do Desterro até a atual Florianópolis, a cidade evoluiu significativamente. Apesar de perder a primazia portuária no final do século XIX e assumir um caráter mais estacionário, tornou-se um centro administrativo crucial a partir das décadas de 1960 e 1970, impulsionado pelo crescimento do aparato governamental e pela fundação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

A cidade é reconhecida por suas praias e altos índices de qualidade de vida, atraindo moradores e turistas. No entanto, enfrenta desafios como a ocupação desordenada de áreas de preservação ambiental e o aumento da violência. As contradições e transformações rápidas refletem as complexidades das sociedades urbanas contemporâneas, como alerta Córdova (2006).

Florianópolis apresenta uma dinâmica urbana multifocal e policêntrica, com múltiplos centros urbanos relativamente independentes. Essa característica se intensifica durante a alta temporada de verão, quando áreas no norte da ilha operam de forma relativamente independente do centro da cidade. Mesmo com uma população que ultrapassa um milhão de habitantes no verão, a cidade mantém sociabilidades próximas ao contexto rural, destacando-se pela pesca artesanal e produção de itens artesanais. Com uma densidade demográfica de aproximadamente 796 hab/km² e um IDHM de 0,847 (IBGE, 2013), a cidade exhibe contrastes entre suas riquezas naturais e a incidência de pobreza, que atinge 23,49%.

A cidade de Florianópolis também se destaca pela rica vida cultural e diversidade,

Fragmentos de memórias LGBTQIAPN+: um olhar para a cidade de Florianópolis – SC

LUÍS FERNANDO VANIN, ANDRÉ LUIZ AVELINO DA SILVA &
RODRIGO DE SALES

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

incluindo as vivências LGBTQIAPN+. Eventos como o carnaval e a Parada da Diversidade quebram a tradição dos espaços convencionais, oferecendo visibilidade e refletindo as tensões entre aceitação e repressão. O carnaval, em particular, é um evento que atrai a comunidade LGBTQIAPN+ e destaca a efervescência cultural da cidade. Contudo, mesmo com essa visibilidade temporária, desafios como a desunião entre as pessoas LGBTQIAPN+ apontada por Teresa Sell (1987) persistem. Grupos organizados na cidade têm oferecido apoio emocional e social, refletindo as mudanças significativas e a diversidade de identidades e práticas na comunidade.

Parada LGBTI+ de Florianópolis

A Parada LGBTI+ de Florianópolis teve sua origem em 2005, motivada por um grupo de pessoas LGBTQIAPN+ que se uniram para reivindicar seu espaço após uma petição para afastar frequentadores LGBTQIAPN+ de uma lanchonete no centro da cidade. Sem uma Organização Não-Governamental (ONG) específica representando a comunidade, a mobilização cresceu com o apoio de diversos setores, incluindo empresários e casas noturnas. Um seminário no Teatro da Ubro² marcou o início das discussões sobre a estrutura da Parada, com "Campeche" coordenando os debates.

A primeira Parada, realizada em junho de 2006, foi um sucesso, reunindo cerca de 30.000 pessoas, apesar de recursos limitados. "Matadeiro" destacou que os movimentos sociais não participaram da organização inicial, dominada por empresários e poder público. A Parada era mais voltada para a visibilidade de estabelecimentos comerciais do que para questões políticas e públicas.

Após um hiato em 2016, a Parada foi reformulada em 2017, envolvendo a sociedade civil e ONGs. No entanto, houve desafios, como a mudança de local duas semanas antes do evento, de BeiraMar Norte para BeiraMar Continental, resultando na perda de patrocínios e

² Teatro da União Beneficente Recreativa Operária (UBRO).

Fragmentos de memórias LGBTQIAPN+: um olhar para a cidade de Florianópolis – SC

LUÍS FERNANDO VANIN, ANDRÉ LUIZ AVELINO DA SILVA & RODRIGO DE SALES

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

atrações. "Campeche" e "Matadeiro" relataram as dificuldades enfrentadas, incluindo a justificativa da Prefeitura sobre custos de segurança.

A edição de 2023 reuniu mais de 80 mil pessoas, com o tema "Políticas Públicas por Inteiro e Não pela Metade". Apesar do sucesso contínuo, a história da Parada LGBTI+ de Florianópolis carece de registros adequados. Documentários e esforços de documentação são mencionados, mas a necessidade de mais reconhecimento persiste.

Figura 1 - Parada LGBTI+ de Florianópolis. 16ª edição – 2023. Apresentadora Selma Light



Fonte: G1 (2023). Foto: Edsoul/NSC TV.

Na imagem, a apresentadora à frente de um círculo de balões representando a bandeira do arco-íris, bem como a bandeira trans exposta na parte de trás, abaixo é possível ver uma multidão de pessoas aglomeradas festejando e celebrando o Orgulho LGBTQIAPN+ na cidade de Florianópolis, SC.

Carnaval do Roma e o Pop Gay

A história do Carnaval do Roma e do Concurso Pop Gay em Florianópolis remonta às décadas de 1970 e 1980, com o Bar do Roma, localizado na Avenida Hercílio Luz, sendo um

Fragmentos de memórias LGBTQIAPN+: um olhar para a cidade de Florianópolis – SC

LUÍS FERNANDO VANIN, ANDRÉ LUIZ AVELINO DA SILVA & RODRIGO DE SALES

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

ponto de encontro central para a comunidade LGBTQIAPN+. O Carnaval do Roma tornou-se um evento icônico, reunindo pessoas artistas, jornalistas, estudantes e boêmias, foi especialmente significativo para a visibilidade e inclusão da comunidade LGBTQIAPN+.

Relatos de participantes mais antigos, como “Armação” e “Matadeiro”, destacam a importância do Carnaval do Roma como um espaço de acolhimento e resistência. O Concurso Pop Gay, realizado durante o Carnaval, ganhou destaque com categorias como Beauty Queen e Drag Queen, promovendo a expressão artística e a visibilidade das identidades LGBTQIAPN+.

Com o tempo, o evento evoluiu e a gestão foi assumida pela Prefeitura, que proporcionou maior infraestrutura, mas também gerou críticas de alguns membros da comunidade sobre a perda da autenticidade original e a gentrificação do evento. O Carnaval foi transferido para a Praça Tancredo Neves, o que, segundo “Matadeiro”, diminuiu a acessibilidade e a atmosfera comunitária do evento.

O Concurso Pop Gay continua a ser um marco importante no calendário de Carnaval de Florianópolis, celebrando a diversidade e a expressão artística. A história do Carnaval do Roma e do Pop Gay é um testemunho da resiliência e da luta contínua da comunidade LGBTQIAPN+ por inclusão e respeito, mantendo viva a memória e a identidade cultural da comunidade na cidade.

Figura 2 – Concurso Pop Gay – 2020.



Fragmentos de memórias LGBTQIAPN+: um olhar para a cidade de Florianópolis – SC

LUÍS FERNANDO VANIN, ANDRÉ LUIZ AVELINO DA SILVA &
RODRIGO DE SALES

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

Fonte: NSCtotal (2020). **Foto:** Lucas Moço

Diversa – Feira Cultural LGBTI+ de Florianópolis

Nos últimos anos, eventos culturais da comunidade LGBTQIAPN+ de Florianópolis têm se destacado na valorização da diversidade e no resgate de memórias. A Feira Diversa, realizada em 2023 em sua 5ª edição, tornou-se um dos principais eventos da cidade, sendo organizada pelo Coletivo Acontece Arte e Política LGBTI+, em parceria com a Prefeitura Municipal e outras entidades. Realizada na Escadaria do Rosário, no centro da cidade, a feira tem como objetivo promover a visibilidade da produção artística, cultural e empreendedora da comunidade LGBTQIAPN+, criando um espaço de celebração e resistência.

Desde 2015, a Feira Diversa oferece uma plataforma para artistas e empreendedores de diversas identidades, além de gerar oportunidades para uma população marginalizada no mercado de trabalho. A programação do evento inclui shows, apresentações teatrais, performances de DragQueens e concursos como "Rainha Diversa" e "Voz Diversa", cujas vencedoras se apresentam na Parada LGBTI+ de Florianópolis. Com isso, a feira fortalece a cultura local, promove a inclusão e oferece visibilidade à arte da comunidade LGBTQIAPN+.

A programação inclui uma série de atrações como shows musicais, apresentações teatrais, performances de Drag Queens e competições de talentos, com destaque para os concursos "Rainha Diversa" e "Voz Diversa", que dão oportunidade para as vencedoras se apresentarem na Parada LGBTI+ de Florianópolis. O evento promove, assim, o reconhecimento da arte local, fortalecendo a cultura LGBTQIAPN+ e oferecendo uma experiência única de inclusão e visibilidade.

Figura 3 – Diversa – Feira Cultural LGBTI+ - 2023

Fragmentos de memórias LGBTQIAPN+: um olhar para a cidade de Florianópolis – SC

LUÍS FERNANDO VANIN, ANDRÉ LUIZ AVELINO DA SILVA & RODRIGO DE SALES

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026



Fonte: Acontece Arte e Política LGBTI+ (2023). **Foto:** Jessica Michels

A Feira Diversa se destaca por promover visibilidade e valorização da produção artística e cultural da comunidade LGBTQIAPN+, oferecendo uma plataforma para artistas e empreendedores marginalizados. Além disso, cria um espaço inclusivo de celebração e resistência, com programação diversificada que inclui música, teatro e performances.

Boate Oppium

A boate Oppium, ao que tudo indica, foi a primeira boate assumidamente gay em Florianópolis. Foi inaugurada no ano de 1980 e animou a comunidade LGBTQIAPN+ até o ano de 1985. Considerada um ícone da vida noturna LGBTQIAPN+ de Florianópolis, a boate Oppium foi palco de vivências e experiências da comunidade na Ilha da Magia. Localizada na rua Trajano, esquina da Escadaria do Rosário.

Figura 4 – Boate Oppium – Outdoor – 1984

Fragmentos de memórias LGBTQIAPN+: um olhar para a cidade de Florianópolis – SC

LUÍS FERNANDO VANIN, ANDRÉ LUIZ AVELINO DA SILVA &
RODRIGO DE SALES

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026



Fonte: Facebook Oppium (Década de 1980)

A Boate Oppium é mencionada por “Campeche” e “Matadeiro” nas entrevistas que realizamos. “Matadeiro” conta que “A Oppium era famosíssima, inclusive, foi na Oppium que eu conheci a Elke Maravilha.”

Figura 5 – Boate Oppium – Gala Gay

Fragmentos de memórias LGBTQIAPN+: um olhar para a cidade de Florianópolis – SC

LUÍS FERNANDO VANIN, ANDRÉ LUIZ AVELINO DA SILVA & RODRIGO DE SALES

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026



Fonte: Facebook Oppium (Década de 1980)

Praia Mole, Praia da Galheta e Bar do Deca

A Praia Mole e a Praia da Galheta, localizadas em Florianópolis, são destinos populares, especialmente para a comunidade LGBTQIAPN+. A Praia Mole, situada no leste da Ilha de Santa Catarina, próxima à Lagoa da Conceição, possui uma extensão de 960 metros e uma faixa de areia que varia entre 10 e 75 metros de largura. Com poucas construções ao redor, a Praia Mole mantém um ambiente natural e é famosa pela sua areia solta e macia, o que lhe deu o nome. Além disso, a praia conta com bares ao longo da orla, alguns com música ao vivo, e é um ponto de encontro conhecido da comunidade LGBTQIAPN+.

A Praia da Galheta, por sua vez, é a única praia da Ilha de Santa Catarina reservada especialmente para o naturismo (atualmente restrito pelo poder público com casos de LGBTQIAPN+fobias acontecendo periodicamente). Totalmente virgem e semideserta, está situada no Parque Natural Municipal da Galheta, uma área de preservação permanente. O acesso à Galheta se dá apenas por duas trilhas: uma com saída pela costa norte da Praia Mole,

Fragmentos de memórias LGBTQIAPN+: um olhar para a cidade de Florianópolis – SC

LUÍS FERNANDO VANIN, ANDRÉ LUIZ AVELINO DA SILVA & RODRIGO DE SALES

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

com 600 metros de extensão, e outra pela Praia da Barra da Lagoa, um caminho mais difícil e longo. Protegida por morros que a isolam da estrada, a Galheta é frequentada por naturistas desde a década de 1970, embora a prática não seja obrigatória. Os adeptos do naturismo encontram nas areias da Galheta um ambiente confortável e acolhedor.

No canto esquerdo da Praia Mole, localiza-se o famoso Bar do Deca, que há 39 anos faz a alegria do público LGBTQIAPN+ que frequenta a região. Conhecido por suas grandes festas de música eletrônica, o Bar do Deca faz parte de importantes circuitos internacionais de turismo LGBTQIAPN+. Inicialmente um simples bar de praia, hoje o estabelecimento conta com uma estrutura maior, administrada pelos filhos do fundador, Deca.

A Praia Mole, a Praia da Galheta e o Bar do Deca são importantes pontos turísticos para a comunidade LGBTQIAPN+ em Florianópolis, atraindo turistas de todo o mundo e sendo frequentemente mencionados em sites de turismo LGBTQIAPN+ nacionais e internacionais.

Figura 6 – Bar do Deca – Temporada de Verão



Fonte: Floripa LGBT+ (Década de 2020). Foto: Leollolanzone

Fragmentos de memórias LGBTQIAPN+: um olhar para a cidade de Florianópolis – SC

LUÍS FERNANDO VANIN, ANDRÉ LUIZ AVELINO DA SILVA & RODRIGO DE SALES

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

A boate Chandon em Florianópolis teve várias fases. Inicialmente inaugurada nos anos 1980 como um espaço direcionado ao público heterossexual, no entanto, para a comunidade LGBTQIAPN+, a Chandon teve duas versões, como relatado por "Campeche", uma frequentadora assídua. "Campeche" nos conta que a primeira versão da Chandon para a comunidade LGBTQIAPN+ ficava na Rua Felipe Schmit e, posteriormente, mudou-se para a frente da estação rodoviária Rita Maria. Ela expressa um entusiasmo e saudosismo pela boate, descrevendo-a como um espaço maravilhoso e representativo para a comunidade.

A boate tinha uma pista onde tocava música nacional, o que era incomum na época. Havia também uma mesa de sinuca e um karaokê, sempre lotados de gente. A estrutura da boate incluía um mezanino com piso transparente, onde se podia ver as pessoas dançando. Embaixo do mezanino, havia um palco de teatro e um *darkroom* gigante com sofás. Subindo uma escada, encontrava-se uma sala de vídeo com um projetor exibindo filmes pornográficos.

Em uma parte do mezanino, existiam gaiolas e estruturas de ferro usadas em festas, onde *gogo boys* desciam pendurados até o palco. Havia também um telão exibindo videoclipes da época e mesas com telefones, onde se podia ligar para outras mesas, como um Tinder da época. Os shows na Chandon eram especiais, com apresentações de *dragqueens* e artistas nacionais como Márcia Pantera, Gretchen, Edson Cordeiro, Léo Aquila e Nany People. Os réveillons eram eventos memoráveis, com uma fonte de champanhe Chandon no meio da boate, onde se bebia da fonte e se sentia riquíssimo.

Essa descrição nostálgica de "Campeche" destaca o quanto a Chandon foi importante para a comunidade LGBTQIAPN+ de Florianópolis, sendo um espaço de liberdade, diversão e representatividade.

MUDIÁ Coletiva Visibilidade Lésbica Floripa

A Mudiá Coletiva é um grupo político-feminista dedicado a lésbicas e mulheres que se

Fragmentos de memórias LGBTQIAPN+: um olhar para a cidade de Florianópolis – SC

LUÍS FERNANDO VANIN, ANDRÉ LUIZ AVELINO DA SILVA &
RODRIGO DE SALES

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

relacionam afetivamente com outras mulheres, proporcionando um espaço de convivência, encontro, reconhecimento e fortalecimento. O nome "MUDIÁ," uma palavra africana, reflete o compromisso da coletiva com a ação concreta e a expressão de suas vozes em busca de direitos. Em Florianópolis, a Mudiá se destaca como um espaço vibrante onde o diálogo e a construção de lugares de fala potentes são essenciais, trazendo à tona vozes silenciadas e promovendo a transformação social. A Mudiá Coletiva é um símbolo de visibilidade e resistência dentro do contexto feminista.

ADEH – Associação Em Defesa Dos Direitos Humanos

A ADEH (Associação em Defesa dos Direitos Humanos com Enfoque na Sexualidade) é uma ONG, fundada em 1993, em Florianópolis-SC, originalmente como ADEH Nostro Mundo, focando na saúde e direitos de travestis e transexuais em situação de prostituição, especialmente no campo do HIV/AIDS. Em 1995, após a morte da presidenta Clô durante um conflito com policiais, a organização passou por uma dispersão, mas se reestruturou em 1999 para continuar seu trabalho na saúde.

Desde então, a ADEH tem desenvolvido projetos de acolhimento e acompanhamento da população TLGB em Florianópolis, além de distribuir preservativos e materiais sobre Direitos Humanos. Em 2006, inaugurou o Centro de Referência em Direitos Humanos de Florianópolis, para apoiar pessoas em situação de discriminação e violência de gênero. Hoje, a ADEH é uma das principais instituições ligadas à população LGBTQIAPN+ na cidade, com uma história profundamente conectada aos movimentos sociais locais.

Acontece - Arte e Política LGBTI +

O coletivo Acontece – Arte e Política LGBTI+ é uma Organização da Sociedade Civil sem fins lucrativos dedicada a defender e promover os direitos à liberdade de orientação sexual

Fragmentos de memórias LGBTQIAPN+: um olhar para a cidade de Florianópolis – SC

LUÍS FERNANDO VANIN, ANDRÉ LUIZ AVELINO DA SILVA &
RODRIGO DE SALES

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

e identidade de gênero de pessoas LGBTI+ através da política, arte e cultura. Independente e suprapartidário, o coletivo foca no avanço dos Direitos Humanos Sexuais e Reprodutivos de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Intersexuais.

Atualmente, o Acontece – Arte e Política LGBTI+ participa do Observatório de Mortes e Violências contra LGBTI+ no Brasil, uma iniciativa da sociedade civil em parceria com ANTRA e ABGLT. A missão do observatório é garantir o Direito à Vida da comunidade LGBTI+. Para isso, realiza a coleta e sistematização de dados sobre mortes e violências contra a comunidade LGBTQIAPN+ no Brasil. Esses dados são utilizados para denunciar a LGBTfobia e para desenvolver políticas públicas eficazes, prestando um serviço crucial para a comunidade LGBTI+ e para o país.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho investigou as memórias e patrimônios culturais da comunidade LGBTQIAPN+ em Florianópolis, evidenciando como esses elementos são essenciais para a construção identitária e para a resistência frente aos processos históricos de apagamento e marginalização. Os achados revelam a importância dos espaços de sociabilidade, das manifestações culturais e dos movimentos sociais na preservação e valorização das histórias da comunidade LGBTQIAPN+ na cidade.

A investigação revelou que, apesar de Florianópolis ser promovida como um destino "*gay-friendly*", há um descompasso entre essa imagem e a realidade vivida pela população LGBTQIAPN+ local, que ainda enfrenta desafios relacionados à falta de representatividade e à violência. Os testemunhos analisados demonstram que eventos como a Parada LGBTI+ e a Feira Diversa têm papel central na visibilidade e fortalecimento dessas memórias. Além disso, locais históricos, como a Boate Opium e o Bar do Deca, foram identificados como espaços significativos para a consolidação da cultura LGBTQIAPN+ na região.

Os achados estão em consonância com pesquisas anteriores que destacam a luta por

Fragmentos de memórias LGBTQIAPN+: um olhar para a cidade de Florianópolis – SC

LUÍS FERNANDO VANIN, ANDRÉ LUIZ AVELINO DA SILVA &
RODRIGO DE SALES

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

reconhecimento e a importância da inclusão das histórias LGBTQIAPN+ nos patrimônios culturais e políticas públicas (Baptista; Boita, 2017; Quiroz; Souza, 2021). No entanto, este estudo acrescenta uma perspectiva localizada sobre Florianópolis, demonstrando como os espaços e eventos atuam na formação de memórias coletivas, ao mesmo tempo em que sofrem com apagamentos e processos de gentrificação.

Este estudo contribui também para ampliar a compreensão sobre a relevância da preservação das memórias LGBTQIAPN+ e evidencia a necessidade de políticas mais inclusivas e representativas para garantir a continuidade e reconhecimento dessas histórias. A valorização e institucionalização de seus patrimônios culturais são fundamentais para combater o apagamento histórico e promover, por exemplo, por meio da museologia LGBT e/ou museologia queer, uma sociedade mais justa e diversa. A pesquisa também aponta a importância de estudos futuros sobre os impactos de iniciativas públicas e comunitárias na inclusão da memória LGBTQIAPN+ nos espaços de preservação histórica e cultural do Brasil.

REFERÊNCIAS

ACONTECE Arte e Política LGBTI+. 2023. Disponível em: <https://www.acontecelgbti.org/>. Acesso em: 15 out. 2025.

BAPTISTA, J.; BOITA, T. Memória e esquecimento LGBT nos museus, patrimônios e espaços de memória no Brasil. **Revista do Centro de Pesquisa e Formação**, n. 5, p. 108–119, 2017. Disponível em: <https://www.sescsp.org.br/editorial/memoria-e-esquecimento-lgbt-nos-museus-patrimonios-e-espacos-de-memoria-no-brasil-jean-baptista-e-tony-boita/>. Acesso em: 14 out. 2025.

BAPTISTA, J.; BOITA, T.; WICHERS, C. A. DE M. O que é Museologia LGBT? **Revista Memória LGBT**, v. 7, n. 12, p. 4–9, 2020. Disponível em: <https://revista.memoriaslgbt.com/index.php/ojs/article/view/58>. Acesso em: 14 out. 2025.

BENTO, B. Corpos e próteses: dos limites discursivos do dimorfismo. *In: Seminário Internacional Fazendo Gênero: Gênero E Preconceitos*, 7., 2006, Florianópolis. **Anais [...]** Florianópolis: UFSC, 2006.

Fragmentos de memórias LGBTQIAPN+: um olhar para a cidade de Florianópolis – SC

LUÍS FERNANDO VANIN, ANDRÉ LUIZ AVELINO DA SILVA &
RODRIGO DE SALES

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

BRULON, B. Museu *queer* e Museologia da bricolagem: o problema da diferença nos regimes museais. **Museologia & Amp**; Interdisciplinaridade, v. 9, n 17, 81–94. 2020. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/museologia/article/view/31594>. Acesso em: 14 out. 2025.

CANDIDO, I. M. B. **Ditadura, Cultura e Homossexualidades**: O Lâmpião da Esquina e a Manifestação Cultural de Minoria. 2017. 64 f. TCC (Graduação) Curso de História, Departamento de História do Instituto de Ciências Humanas, Universidade de Brasília, Brasília, 2017. Disponível em: <http://bdm.unb.br/handle/10483/19291>. Acesso em: 14 out. 2025.

CASTRO, R. P. de; MATTOS, Z. S. A produção de conhecimento a partir das homossexualidades e da homocultura. **Gênero**, Niterói, v. 2, n. 12, p.20092015, jun. 2012. Disponível em: <https://www.periodicos.uff.br/revistagenero/article/view/31157>. Acesso em: 14 out. 2025.

CÓRDOVA, L. F. N. **Trajetórias de homossexuais na Ilha de Santa Catarina**: temporalidades e espaços. 2006. 320 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/89066>. Acesso em: 14 out. 2025.

DAVI, E. H. D. Resistências e recusas: a cultura LGBT contrapondo se a homofobia em Uberlândia. **Cad. Esp. Fem.**, Uberlândia/MG, v. 24, n. 1, jan. /jun. 2011, p. 143. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/nequem/article/view/14221>. Acesso em: 14 out. 2025.

FACCHINI, R. **Sopa de letrinhas?**: movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90: um estudo a partir da cidade de São Paulo. 2002. 241 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/236166>. Acesso em: 14 out. 2025.

FACEBOOK Oppium. 198?. Disponível em: https://www.facebook.com/p/Oppium100066751117545/?paipv=0&eav=Afbjml2sLXIjt3urmOO31pUeGsOFc4IetTkdrmhUO58OeB6SJra3TUjD1O3adlglc&_rdr. Acesso em: 15 out. 2024.

FUNDAÇÃO FERNANDO HENRIQUE CARDOSO. **Direitos LGBT+**: a evolução do movimento e os debates na sociedade. a evolução do movimento e os debates na sociedade. 2021. Disponível em: <https://fundacaofhc.org.br/linhasdotempo/direitos-lgbtqia/>. Acesso em:

Fragmentos de memórias LGBTQIAPN+: um olhar para a cidade de Florianópolis – SC

LUÍS FERNANDO VANIN, ANDRÉ LUIZ AVELINO DA SILVA &
RODRIGO DE SALES

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

14 out. 2025.

FURLANI, J. **Mitos e tabus da sexualidade humana**: subsídios ao trabalho em educação sexual. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

GARCIA, W. Uma possibilidade de homocultura no Brasil: estudos contemporâneos. *In*: Congresso Internacional de Estudos sobre a Diversidade Sexual e de Gênero da ABEH, 4., 2012, Salvador. **Anais [...]**, Salvador: Abeh, 2012. p. 1 8.

GUARNIERI, W. R. C. Museologia e identidade. *In*: BRUNO, Maria Cristina de Oliveira (Org.). **Waldisa Rússio Camargo Guarnieri**: textos e contextos de uma trajetória profissional. São Paulo, Pinacoteca do Estado, v. I, p. 176-185, 2010.

HEILBORN, L. Gênero e hierarquia: a costela de Adão revisitada. **Revista de Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 1, n. 1, p. 5082, 1993. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/15989>. Acesso em: 14 out. 2025.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Panorama de Florianópolis. Rio de Janeiro: **IBGE**, 2013. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sc/florianopolis/panorama>. Acesso em: 14 out. 2025.

JULIÃO, L. Apontamentos sobre a história do museu. *In*: **Caderno de Diretrizes Museológicas**. Brasília: MinC/Iphan/Departamento de Museus e Centros Culturais; Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura/Superintendência de Museus, 2006. p. 19-31. Disponível em: <https://bibliotecadigital.iphan.gov.br/items/a27e2272-90f5-431a-8441-49ff6cf89696/full>. Acesso em: 14 out. 2025.

LGBTQIAPN+: PARTE II. Roteiro: Rita von Hunty. S. L.: Tempero Drag, 2021. (16 min.), Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=j13BQD1KmlU>. Acesso em: 14 out. 2025.

LOPES, Marina Martini. **Pop Gay**: conheça as vencedoras da 27ª edição do concurso. conheça as vencedoras da 27ª edição do concurso. 2020. Disponível em: <https://www.nsctotal.com.br/noticias/pop-gay-conheca-as-vencedoras-da-27a-edicao-do-concurso>. Acesso em: 15 out. 2025.

MATTOS, P. C. **Tipos de revisão de literatura**. Botucatu: UNESP, 2015. Disponível em: <https://www.fca.unesp.br/Home/Biblioteca/tipos-de-revisao-de-literatura.pdf>. Acesso em: 14 out. 2025.

MILANESI, L. **A casa da invenção**: biblioteca, centro de cultura. 3. ed. rev. e ampl. São

Fragmentos de memórias LGBTQIAPN+: um olhar para a cidade de Florianópolis – SC

LUÍS FERNANDO VANIN, ANDRÉ LUIZ AVELINO DA SILVA & RODRIGO DE SALES

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

Caetano do Sul: Ateliê Editorial, 1997.

PARADA LGBTI+ de Florianópolis leva público às ruas neste domingo. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2023/09/10/parada-lgbti-de-florianopolis-leva-publico-as-ruas-neste-domingo-fotos.ghtml>. Acesso em: 15 out. 2025.

PEREIRA, João. **Florianópolis LGBT+**: guia completo com dicas para lésbicas, gays, bissexuais e trans. guia completo com dicas para lésbicas, gays, bissexuais e trans. 2023. Disponível em: <https://floripa.lgbt/viagem-e-turismo/roteiro-de-viagem/florianopolis-lgbt-guia-completo-para-lesbicas-gays-bissexuais-e-trans/>. Acesso em: 25 out. 2025.

PINHO, R.; PULCINO, R. Desfazendo os nós heteronormativos da escola: contribuições dos estudos culturais e dos movimentos LGBTTT. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, V. 42, n.3, p. 665680, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/PyPCKtCntxn8QbhTTVtZMzM/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 14 out. 2025.

QUIROZ, J. J. G.; SOUZA, D. M. V. DE. Dificuldades do Patrimônio Lgbt: a Taça Warren No Museu Britânico. **Diversidade e Educação**, v. 8, n. 2, p. 335–363, 2021. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/divedu/article/view/11143>. Acesso em: 14 out. 2025.

RICOEUR, P. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução de Alain François [et al.]. Campinas, SP: Unicamp, 2007.

ROLNIK, S. Cartografia ou de como pensar com o corpo vibrátil. *In: Núcleo de Estudos de Subjetividade da PUC*. São Paulo, 1987. Disponível em: <http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/suely%20rolnik.htm>. Acesso em: 14 out. 2025.

ROLNIK, S. **Cartografia sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. 2 ed. Porto Alegre: Sulina/Editora da UFRGS, 2016.

SELL, T. A. **Identidade Homossexual e Normas Sociais**: Histórias de Vida. Florianópolis, Editora da UFSC, 1987.

SILVA, D. B. A patrimonialização das culturas LGBTQIAs no Brasil: uma questão urgente. **Acesso Livre**, [s. l], n. 9, p. 2540, 2018. Disponível em: https://revistaacessolivre.files.wordpress.com/2018/06/002_patrimonializac3a7c3a3o_cultura_lgbtqias.pdf. Acesso em: 14 out. 2025.

SILVA, M. A. Numa tarde qualquer: uma antropologia da Parada da Diversidade em Cuiabá e da cultura LGBT no Brasil contemporâneo. **Bagoas Estudos gays**: gêneros e sexualidades, v.

Fragmentos de memórias LGBTQIAPN+: um olhar para a cidade de Florianópolis – SC

LUÍS FERNANDO VANIN, ANDRÉ LUIZ AVELINO DA SILVA & RODRIGO DE SALES

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

10, n. 15, 9 maio 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/9891>. Acesso em: 14 out. 2025.

SILVA, R. A. DA. Às margens das margens: notas sobre as noções de patrimônio, memória social e performance na ciência da informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 24, n. spe, p. 149–161, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pci/a/kMxjfLLPFzfwgnCD5XGr7J/?lang=pt>. Acesso em: 14 out. 2025.

SOUZA, W. L.; SILVA, A. A.; ALVES, D. C. S.; ROCHA, C. B. O. C.; MELO, T. C. L. O bricoleur, uma clínica rizomática e o “fazer psi”: repensando as práticas psicológicas. **Caderno de Graduação - Ciências Humanas e Sociais**, Alagoas, v. 3, n. 2, p. 23-38, 2016. Disponível em: <https://periodicosgrupotiradentes.emnuvens.com.br/cdghumanas/article/view/2617>. Acesso em: 14 out. 2025.

TAYLOR, T. Undeniable conjecture Placing LGBT Heritage. **Columbia University**, 2019. Disponível em: <https://www.preservationalumni.org/wp-content/uploads/2019/05/Fitch-Prize-2011-Taylor.pdf>. Acesso em: 25 maio 2021.

THÜRLER, D. A desguetificação da cultura guei. *In*: I Encontro Funarte de Políticas para as Artes, 2011, Rio de Janeiro. **Anais [...] I Encontro Funarte de Políticas para as Artes**, 2011.

VANIN, L. F. **Organização das memórias e patrimônios culturais LGBTQIAPN+ de Florianópolis-SC sob a perspectiva da desclassificação**. 2024. 282 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Departamento de Ciência da Informação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2024. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/254829?show=full>. Acesso em: 14 out. 2025.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) pelo apoio financeiro, por meio do Programa de Demanda Social (DS).

Agradecemos ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelo apoio financeiro, por meio da Bolsa de Produtividade em Pesquisa - PQ CNPq Nº 18/2024.

Fragmentos de memórias LGBTQIAPN+: um olhar para a cidade de Florianópolis – SC

LUÍS FERNANDO VANIN, ANDRÉ LUIZ AVELINO DA SILVA &
RODRIGO DE SALES

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

Original recebido em: 12 de agosto de 2025

Aceito para publicação em: 28 de outubro de 2025